



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

12 DE SETEMBRO DE 1964
ANO XXI — N.º 535 — Preço 1

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA FUNDADOR Padre Américo VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENCA * QUINZENAR
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

Casamento do Quim e da Elisa

O CORRENDO o vosso matrimónio na semana 14.ª depois do Pentecostes, quem pode resistir ao tema que a Mãe Igreja sugere, quando nos dá a meditar o «Evangelho das aves do céu e dos lírios do campo»?!

Toda a palavra do Senhor «naquele tempo» é para nós, hoje, uma descida do Espírito Santo, que nos visita para ficar connosco a descobirmos a «riqueza insondável dos mistérios escondidos em Deus». Depois do Pentecostes é sempre Pentecostes — eis o quotidiano da admirável Providência de Deus, cuja solicitude para connosco não cansa nem sofre descontinuidade na discreta iluminação e fortificação das nossas almas, para que nada nos falte na ciência e na sabedoria do caminho de regresso à Casa do Pai.

E quantas vezes — ai de nós! — não abrimos a porta ao suave bater do Espírito; ou depressa O despedimos, desinteressados das graças actuais que nos oferece para realização em nós do «crescimento da vida divina»!

O «evangelho das aves do céu e dos lírios do campo» tem uma oportunidade extraordinária para os homens do nosso tempo; e tem uma importância de primeiro plano na formação das vossas almas para o serviço de

Deus em que quereis consumir a vossa vida, que o mesmo é dizer: consumir o vosso sacrificio.

Se fosse possível transfundir o espírito como o sangue são no doente para o salvar, havíamos de manipular este trecho do Evangelho, concentrá-lo e injectá-lo no nosso mundo, de mentalidade tão às avessas das aves do céu e dos lírios do campo.

Que vemos nós?...

Tantos cuidados! Tantas preocupações! Tanto desejo de posse! Tanta insatisfação no que já se possui, obsecados os homens pelo frenesim de outras posses! Tanto atropelo dos direitos essenciais da maioria para que se realizem os caprichos de alguns! E por entre esta desorientação das almas, bastantes hipócritas que fingem acreditar na possibilidade de servir a Deus e a «Mamoná», e alguns poucos iludidos, julgando que o Reino de Deus é sempre Banquete, no tempo como na eternidade!

Isto que nós vemos explica a ausência da Paz no mundo, porque Ela falta no coração dos homens.

E o Evangelho, que nos diz?...

«Não vos inquieteis com o que haveis de comer ou de beber... nem com o que cobrireis o vosso corpo»... «O vosso Pai Celeste sabe que necessitais de tudo isso».

Continua na SEGUNDA página

AFRICA

Nunca supus que houvesse aqui tanto atractivo para o coração de padre. Há outros minhos, além dos da fé, que tem de ajudar a rasgar — caminhos da justiça social e amor fraterno.

É a dois passos da nossa Casa. Perfiladas, com seus metros de comprimento e 2,50 metros de largura, as duas construções paralelas abrigam-se à sombra das árvores medonhas. A rectangular de ambas ostenta gretas altas, cerâmica, a servir de ventilação. A frente, sem janelas, apresenta uma enfiada de portas pateiras. Abaixo-me da primeira e esprito o interior. O comprimento térreo mede 2,50x2,50 metros nem mais. Ao fundo, tarimbado de madeira com esteira humilde e manta de algodão desalinho. Ao lado, latas, cacos, papéis e pedaços de roupa. O morador não está. Dormita o tendido por terra, sob a sombra duma acácia a poucos metros. O guarda aponta para ele. O trôpego e idoso já. Não tem família. Andava a mendigar pela cidade e recolheram-no aqui, dizem-me. Passo ao segundo compartimento. Tudo igual ao anterior. Está ocupado. O dormitor, porém, não jala. É paralisado também. Mal coberto mostra a parte do tronco. As moscas latam bem-no e esvoaçam radiantes. Calafrio trespassa-me pelo corpo enquanto tento aguentar o movimento que sobe do catre. No chão, latas e cacos. Miro, corro, mais outro, mais outros compartimentos e não encontro novidades. Os moradores, quando todos na rua, sentados, sobre lenha ou no chão, preparam casual a própria refeição. Pernas cruzadas, lenha a arder, panela de barro em cima, e dentro dela a fuba a cozer. Esta já come

Cont. na TERCEIRA página



MALANJE

O sorriso e a boa disposição do grupo, molduram o ar gaiato do «Faniqueira».

Areias

A Obra da Rua em África como na Metrópole, vale sobretudo como testemunho! Testemunho de valores não dimensionáveis, mas bem perceptíveis e convincentes.

Quem está por uns dias e contacta com as horas do nosso singelo viver quotidiano colhe flagrantes, que não pode remeter senão ao autor de todas as coisas — por Ele tudo; e sem Ele nada do que existe!

A carrinha acaba de chegar do Lobito. Américo vem eufórico. Dá um pulo e veja! Hoje foram duas latas de azeite, óleo, dois sacos de massa, outro de arroz e peixe e mais coisas que ali vêm e um Senhor que voltássemos lá todos os meses! Aqui é assim! — diz o Américo.

Padre Manuel António acrescenta: — Já temos massa mensal. Só nos falta o arroz. De resto, não precisamos de mais nada, por ora, para as refeições dos rapazes. Dão-nos tudo. E as coisas hão-de vir, consoante o aumento dos rapazes.

Se não fora a dor dos pais, que sentem o peso da educação

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA

do Cavaco

Casamento do Quim e da Elisa

Continuação da PRIMEIRA página

Não é um convite à preguiça o que o Senhor nos dirige. É uma vocação à confiança em Deus e à sobriedade no uso dos bens criados.

Eis os dois polos da altíssima virtude da Pobreza — única força que libertará o mundo e os homens de muitas misérias que ameaçam afogá-los. O prêmio de quem a quer para si será a Paz reinante no seu coração: «Não vos inquieteis, ... porque o Vosso Pai Celeste sabe do que necessitais...» E nós sabemos que Ele é Pai Omnipotente.

À luz destes dois elementos que me parecem constituir a Pobreza, virtude cristã, desejaria porpor-vos breve meditação em ordem à sociedade conjugal que ides contratar e a uma maior consciência dos vossos deveres perante a sociedade a que ficais pertencendo agora de um modo novo.

A construção da unidade conjugal não se processa automaticamente, nem se realiza de uma só vez.

Será um trabalho simultaneamente penoso e entusiasmante, para quem se coloca na perspectiva cristã. Todavia, porque tal construção demora a vida inteira, os tempos fáceis alternarão com crises, em que a confiança mútua parece ainda valor por confirmar. E só o não é, na medida em que ela fôr feita da confiança de ambos em Deus. Ele é Pai. Se vos fez encontrados e vos trouxe a este transe de recíproco dom e aceitação, foi pelo vosso bem eterno começado agora no tempo.

Ele quer a harmonia do par que ides ser e ajudar-vos-á a segui-la, com certeza que também pela contradição. Haverá momentos cujo quê e porquê não compreenderdes senão muito depois de os haverdes passado. Nesses momentos só a confiança em Deus vos pode sustentar a Paz — naquele Deus que é Pai Omnipotente e sabe tudo de que necessitais e sabe igualmente do que importa às aves do céu e as sustenta. E vós, não valeis muito mais do que elas?

Então, abandonar-vos à Sua solicitude é desde agora e sempre a atitude sábia, a única decisão coerente com a Fé sobre que não hesitais.

Acha melhor quem procurar em Deus do que em si mesmo. Repito: Deus não nos convida

à preguiça. Ordena-nos o esforço (nada pequeno para a nossa ânsia orgulhosa de suficiência!) de «pedir», de «procurar», de «bater»... E promete-nos, se assim fizer-

mos, a certeza pacificante de que «receberemos» e «acharemos» e nos «serão abertas» as portas do Céu.

«Bem-aventurados os Pobres de espírito...»

Mas não se cinge à confiança em Deus, mais do que em si próprios, para a construção estável e harmoniosa da comunidade conjugal, o papel dos dois obreiros humanos! Eles terão que demolir em si mesmos muito princípio de construção pré-existente, que não é compatível com a realidade definitiva. Ora é natural que cada um esteja apegado a essas «capelas imperfeitas» que há em si e as julgue, assim tais, ornamento de valor.

É aqui que um sentido de sobriedade a respeito do que somos e do que temos, terá ocasião de intervir, amortecendo a dor da demolição e estimulando-nos a consumá-la por sobre o sofrimento inevitável. É aquela escolha, perante a qual estremece a nossa humanidade, mas exigida sine qua non para entrarmos na posse do Reino: Trocamos todas as pérolas de bugiganga com que nos enfeitávamos vistosamente, pela Pérola Preciosa, singela, mas verdadeira, que reveste de Cristo a nossa radical nudez. Felizes dos Pobres de espírito, que confiando em Deus, certos da indigência que todos somos e renunciando ao pouco que valemos, levantarão ao Céu a sua obra, como jamais foram capazes os orgulhosos de Babel e os poderosos deste mundo.

Mas vós dissetes-me, repetidas vezes pela boca do noivo, que ambos desejáveis servir um ideal que ele começou a conhecer concretamente há muitos anos e me diz ter comunicado à noiva, suficientemente. Aceito a boa fé da vossa declaração, mas sei que estais longe da consciência plena das exigências que esse serviço implica. Por isso, estibado naquela boa fé, desejava esclarecer-vos o caminho por onde todos temos muito (e sempre) que caminhar.

Não que vos faltem os dados precisos no domínio do conhecimento. Mas por muitas palavras certas que tenhais ouvido e até por muitas que saibais proferir, tendes, frente a vós, um campo imenso de renúncias, até que vos liberteis de todo o aparato das coisas accidentais e fiqueis presos, somente, à nudez do essencial. Isto, se para além da função que ides desempenhar, quereis, autenticamente, prestar um serviço que tenha alma.

Não é pois do domínio do conhecimento que virá mais luz, mas sim da vida, da experiência sempre retomada e aprofundada da vida da Obra, cuja «riqueza é a sua Pobreza».

A que outros polos quereis ir tomar a luz, senão àqueles mesmos que já considerámos a respeito da vossa sociedade conjugal? Pois não é deles que se ilumina a Obra diante dos homens? Digo melhor: Não é por eles que a Obra é uma «iluminação da face de Cristo» diante dos homens?

Este «Evangelho das aves do céu e dos lírios do campo» é bem o retrato a que compete configurarmos-nos, conforme a a vocação que recebemos.

Acreditamos que Deus é o Criador das aves do Céu, a quem sustenta, dos lírios do campo, que veste... E mais do que elas e do que eles somos nós, pois lhe chamamos Pai. «Qual é o pai que pedindo-lhe o filho pão, lhe dá uma pedra; ou lhe pedindo peixe, lhe dá uma serpente»? Se são assim os pais da terra em toda a contingência e limitação da sua humanidade, como não será em bondade o Pai Celeste que é infinito em todos os bens?!

Se lhe chamamos Pai e cremos no que afirmamos, como poderemos vacilar à cerca da Sua solicitude para conosco?!

Por isso caminhamos, sem inquietação sobre o que havemos de comer e de beber e de vestir, procurando semear a Verdade antes que o nosso pão, certos de que o «operário é digno do seu salário».

Esta atitude deliberada é a



A alegria dos noivos, sob o olhar de Pai Américo, repercute-se na alma dos seus irmãos.

única possível na lógica da Fé. Não há nela nem insensatez, nem insensibilidade. Há uma superação daquele olhar exclusivamente humano, negativo e infeliz, que nos mostra a Pobreza sob o aspecto do não-ter, da insegurança material, do risco. Pelo contrário: a perspectiva divina é de libertação.

Não-ter — a ausência de objectos possuídos fora de nós liberta-nos a atenção para nós

mesmos e permite-nos um esforço mais eficaz de aperfeiçoamento pessoal. E torna-nos mais disponíveis, mais prontos para a mobilidade que o serviço do ideal pode vir a exigir de nós.

Da inquietação da insegurança material, do risco, a promessa divina nos liberta, mais do que aos servidores dos príncipes deste mundo. O Senhor não nos exorta em vão e Ele diz e repete: «Não vos inquieteis...» «de que vos vale inquietar-vos?...» Nós sabemos a quem servimos e sabemos que o serviço do Senhor exclui-nos dos serviços de todos os senhores. E sendo assim: possível apenas o serviço de um só — com quem, mais seguramente, menos arriscadamente, poderíamos comprometer-nos, senão com o «Único que tem palavras de vida eterna»?

Aquele a quem se serve é aquele a quem se ama — e este é ao que demos a nossa confiança. Ao Deus, infinito em todos os bens, só é digna a nossa entrega incondicional. É o único modo que a humana limitação tem de tender para o infinito: a entrega incondicional. Deus exige-nos assim — «Quem não é por Mim é contra Mim» — e não podia ser de outra maneira.

Confiarmos, confiarmos n'Ele sem medida, até à suprema humildade de acreditarmos nas maravilhas que Ele pode operar em nós, por meio de nós..., apesar do estorvo que

Notas de Reportagem

Por FAUSTO TEIXEIRA

Voltaram a Padre Carlos, assistido por Padre Américo, a abrir-se as portas da nossa capela para receber mais dois que quiseram unir-se pelos laços indissolúveis do Matrimónio. Ele Joaquim Pereira Gomes; ela Elisa Cardoso Correia. Foram padrinhos por parte da noiva Lucas Correia Gageiro e Graciosa Cardoso Correia. Pelo noivo Alberto de Oliveira Ramada e Olga Dias Marques.

Ao acto, a que presidiu o Senhor

realizara a sua união.

Dadas as felicitações e vivas do costume, dirigimo-nos para o refectório onde saboreámos um apetitoso almoço. Daqui para a frente é fácil adivinhar o que se passou. A habitual boa disposição de todos e a algazarra do costume. Ao terminar este pequeno apontamento, queremos desear aos noivos as maiores felicidades e prosperidades.

No final do Santo Sacrifício da Missa, felizes e sorridentes, os nubentes abandonam a capela onde momentos antes se



somos e Lhe seremos até ao fim — eis o caminho que Deus nos abre e nos ajuda a prosseguir.

O Seu amor por nós, o Seu amor de Pai, libertar-nos-á da inquietação, daquele olhar baixado de quem concebe a vida à maneira de uma pasta-

gem que se come ou se recolhe — para nos deixar crescer verticalmente, olhos nos Seus olhos, certeza nos corações, Paz no mais profundo das almas.

«Procurarmos o Reino de Deus» — eis a nossa parte. O resto é com Ele.

Mas eu comecei por vos dizer que a luz que há-de guiar-vos irradiará da vida, da experiência sempre retomada e aprofundada da vida da Obra, através de um campo imenso de renúncias — o vosso campo de batalha, onde ganhareis a Liberdade, aprendendo a despojar-vos. Não foi assim que fez o pequeno David diante de Golias, o gigante?!

Pois a Pobreza, que «é a nossa riqueza» no dizer de Pai Américo, não consiste apenas na confiança em Deus, no sereno abandono à Sua Providência. Esta virtude, que tem enamorado tantos santos, que enamorou Pai Américo, e é dos valores cristãos a que a Humanidade do nosso tempo é mais sensível, justamente porque a tendência dominante dos homens é a corrida sem freio aos bens materiais, — esta virtude é integrada também pela sobriedade no uso dos bens criados.

O primeiro elemento desinquieta-nos, tranquiliza-nos a respeito do essencial à vida, que receberemos com certeza das mãos do Pai Celeste.

Mas para além do essencial, há muitos acessórios a que facilmente nos prendemos e dos quais ficamos presa, se não adquirirmos, por uma conveniente ascese no seu uso, aquela libérrima indiferença entre o ter e o não-ter. Trata-se da sobre-humana sabedoria de Job: «Deus me deu; Deus me tirou. Bendito seja o Nome do Senhor».

Felizes nos dias fartos porque foi Ele quem deu a fartura. Felizes nos dias parcos, porque foi Ele quem permitiu a parcimónia. Nunca e noutros se manifesta e é reconhecida a presença de Deus, que nos trata sempre com amor de Pai, ainda mesmo pela contração.

Ninguém se permita a ilusão de pensar que alguma vez chegará a ser pobre de espírito, se não se exercitar na pobreza-efectiva, na pobreza-renúncia, depondo voluntariamente os acessórios para se bastar com o essencial — que é, na verdade, o bastante.

O sinal do cristão é a Cruz. Mas não um sinal-símbolo, uma convenção morta. O sinal do cristão é a sua Cruz, a que lhe coube na partilha pelos homens da Cruz de Cristo. «Se somos filhos, somos herdeiros e coherdeiros de Cristo». Coherdeiros da Glória e também da Cruz — da Glória pela Cruz.

Como poderíamos, pois, alcançar uma virtude cristã como a Pobreza, sem um elemento crucificante?!

A confiança que nos leva ao abandono na Providência Divina e à Paz que tal abandono realiza em nossas almas é o doce prémio da nossa Fé. Mas o preço por que o adquirimos é o sacrifício que há na escolha e na decisão de trocarmos as muitas pérolas falsas que nos adornavam, pela Pérola verdadeira que discretamente transfigura a nossa nudez, revestindo-a de Cristo.

Privações são meio necessário para se chegar à Pobreza. Penso nas criancinhas que de tudo estão privadas se lhes não for chegado por alguém. E penso naquela afirmação de Pai Américo: «A Obra da Rua nasceu pequenina, como é próprio das coisas destinadas a

ser grandes». É verdade: A dimensão que ela atingiu vem-lhe de ter começado pequenina, privada de muita coisa, que entretanto lhe foi sendo chegada e foi instrumento do seu crescer. E ainda hoje na grande dimensão já alcançada, é ainda uma certa «infantilidade gaiata» caracterizada por um estado de privação, que nos garante as achegas que vão alimentando o nosso incessante crescimento.

Eu queria que vós desejásseis começar assim de pequeninos, em estado de privação, a reclamar presenças calorosas que vos bafejassem e fizessem crescer. Já não é inédito entre nós este modo de ser!

Se o não pudestes, porém, tende em guarda a vossa liberdade a respeito do que não é essencial, não fôsse acontecer que os acessórios vos tolhessem os movimentos e a Obra não pudesse dispor de vós como tem o direito, se é que, para além da função que ideis desempenhar, quereis, autenticamente, prestar um serviço que tenha alma.

Aprendei liberdade com as aves do céu e beleza com os lírios do campo. «Não vos inquieteis». A vossa boa fé — agora decisão mais luminosa e firme de que só um senhor podeis servir: aquele a quem amais, o Senhor Jesus — é um válido ponto de partida.

O Espírito Santo descerá a fecundá-la e irá chegando Luz e Força à vossa indigência, para ultrapassardes a puerícia e a adolescência das vossas almas a caminho da maturidade cujo grau e momento só a Ele pertence fixar.

«Não vos inquieteis». «Procurai antes de tudo o Reino de Deus».

...O resto é com Ele.

ÁFRICA

Cont. da PRIMEIRA página

pirão com as próprias mãos pouco limpas. Esta, toda enfarinhada, está feliz. Aqueles dois, em banco marmorizado, estendem a mão e chamam-nos. Um angolar — pedem. É para cigarro, acrescentam. Reparo que são cegos.

Aquela mulher anda com a perna enrolada em trapos negros como a pele. Sofre de elefantíase. Peço licença e descubro-lhe o tornozelo. O pus escorre e derrama-se na terra. Os vermes que afloram da úlcera remexem-se e causam-me novo calafrio. — Então, quem a trata? — Aqui não há ninguém! E sorri. — Mas não lhe doi? Sorri. Mais ao lado, um cobertor enrola outro ser. Destapo. É uma parálitica cega, prostrada no chão poeirento, onde a urina começa a fazer lama. — Quem a lava e cuida dela? — Os dois cegos, que estão ali, — informaram-me. Ainda de manhã a levaram ao balneário, mas voltaram com ela para esta poeira!

Só a boa vontade não basta para resolver situações desta natureza. E isto que vejo é fruto unicamente de boa vontade. Não houve mais nada. Nem sequer o acompanhar aquilo que se semeou. A coisa nasceu como abrigo para os inválidos sem abrigo. Foi entregue a um assalariado preparado. Este reparte a suba, mantém certa ordem externa e de mais não é capaz. Não consegue sequer evitar a promiscuidade inevitável.

A razão tem que andar a par das boas iniciativas para estas tenderem à perfeição. E o amor tem que brotar forte para enfrentar as dificuldades inerentes a empresa como esta — ajudar os doentes sem cura a suportar e valorizar a sua situação.

O dinheiro, que muitos apreçoam como mola real, é apenas meio com que se levantam empreendimentos destes. Está em plano secundário. A boa vontade também não chega. A razão equilibrada que encontra a melhor solução é dado preciso e indispensável. Mas sem o amor nada se consegue que perdure, que seja obra acabada em matéria de assistência social.

E, se amar aquele que tomba na doença é causa nobre, então se a doença é incurável e doente repugnante, a causa torna-se heróica. Só Cristo, Ele, pode implantar na vida quem trabalhar, a força e o amor precisos para a defender e vencer.

Há muito que não sofria tal manho choque. Nunca supus que pudesse ficar tão preso a esta África. Nunca. Os irmãos em Cristo e martírio estão-me agora mais dentro do peito.

Já advogámos esta causa junto de todas as entidades locais maiores. Uma reunião breve pôr termo a este cancro. E todos lucrámos com a extinção do mesmo.

Nós vivemos em alegria anticipada. Os doentes ainda não Mas dentro em pouco seremos todos mais amigos. Cristo está já mais contente.

P.e BAPTIST

Areias do Cavaco

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

dos filhos — filhos que os pais não quiseram — a vida dentro das nossas casas era um paraíso, sem mescla de nuvens que não fossem as que quebram a monotonia dos dias. Mas aquele peso não seria suportável sem a mão do Senhor em provas constantes de presença contínua.

Nós somos sobretudo um testemunho!

Testemunho de presença do divino na vida que levamos

Testemunho do valor poderoso da família no resgate do vadio.

Testemunho do valor indispensável da família na formação de todo o homem.

Testemunho do valor da presença dos mais pobres, (nós somos essencialmente e voluntariamente pobres!) junto daqueles que podem — encontrarmo-nos, conhecermo-nos e despertarmos o amor dos homens para com os homens!

PADRE BAPTIST

TRIBUNA DE COIMBRA

Com o último domingo de Agosto terminaram a nossa sementeira e colheita nas praias e terras do Centro. Dizemos sementeira porque, quando vamos, queremos semear e deixar mais do que aquilo que colhemos e trazemos. Levamos na alma a aflicção feita pelas aflições dos irmãos que escutamos e vemos. É esta aflicção que nos move e nos arrasta até onde vamos.

Em toda a parte o mesmo carinho, a mesma simpatia, a mesma resposta. Não nos atrevemos a dizer onde nos acolhem melhor. Não notamos diferença. Ficamos sempre com a impressão de que entramos fundo no coração de todos (embora alguns riam a dizer que só lhes entráramos nas carteiras). Seja Monte Real ou S. Martinho do Porto, Luso, Figueira da Foz ou S. Pedro de Muel, em toda a parte nos encontramos em família. A Obra da Rua é aquilo que Pai Américo sempre quis: uma Obra da família portuguesa.

Com o peditório em S. José de Coimbra terminaram os peditórios na cidade. Nesta igreja houve alguém que depôs numa das sacas dez notas das grandes muito embrulhadinhas.

Também a Marguil, represen-

tante das máquinas de costura Alfa, apresentou ao público de Coimbra, nas festas da Academia e da cidade, uma novidade cheia de simpatia: uma mostra movimentada a favor da Casa do Gaiato e do Asilo da Infância Desvalida. À nossa parte couberam quatro mil moedas de um escudo. Parabéns ao seu gerente e o nosso testemunho de gratidão.

De Abril para cá outros testemunhos nos têm chegado: quarenta da Figueira da Foz; cinquenta de Pinheiro da Cruz; mil no aniversário natalício de quem faz tudo por nós; mil de promessa a Pai Américo; vinte do primeiro ordenado; cem na minha mão; cem de médico em Mira; mais cem na mesma terra; mais o mesmo na mesma; cem em carta; setenta dos alunos da escola primária de Coimbra; quinhentos de anónimo; cinquenta em vale; um saco de doces que alguém premiado na T. V. cá veio trazer; alguns

mimos que nos deram em Julho na Praia de Mira; e tudo o que vão depositar nas Casas do Cavaco.

Cem e mais quinhentos para as Colónias de Férias. Estas terminaram hoje e ontem um dos miúdos veio dizer-me que não se importava de lá ficar sempre. Hoje, de manhã, foi a festa de volta do Altar. Muito obrigado Senhor, por estes vinte dias felizes.

Duas vezes quatrocentos de Maria Helena e Maria Isabel sempre com a mesma prontidão e carinho de há tantos anos alguém veio de Tomar e deixou cheque de três contos; quinhentos de quem passou e deixou para imagens vivas; cem de casal de Nova Lisboa que não veio ver; cem para o Calvário ou outra necessidade; cem em carta; quinhentos na despedida de um dos nossos.

Muita graças ao Senhor.

Padre Horácio



OBRA DE RAFAEL, PARA RAFAEL, PELOS RAFAEL

PELAS CASAS DO GAIATO

Lar do Porto

Há quem goste muito de jardinagem mas tanto como a Sr.^a D. Diamantina há por aí poucos. Não digo isto por a encontrarmos muitas vezes regalada em volta das couves, a regar aquele quintalejo, mas digo-o pelos cuidados que tem em mandar o Paulo em constante vigilância com a agricultura. Como as flores são inúmeras é preciso arranjar um bocadinho de tempo para este dever e como ele tem sido proporcionado e aproveitado a horta ri florida, de bem tratada.

Até há dias encontrávamos difíceis cuidados com a hortaliza, então quando o quintal começou a render, passamos a gastar dele. Tem-nos chegado para os cozimentos e a sopa que ultimamente saboreámos é feita com abóbora aqui germinadas.

Ainda não tive o gosto de contar, no entanto meia dúzia devem ser as laranjeiras, ainda noviças, que o Paulo anda a alimentar.

Era um pacote o que constava no já 2.^o aviso. Este repetido aviso não veio por descuido mas por falta de quem o pudesse aviar e chegou altura para o efeito. Agora posso dizê-lo; se adivinhássemos que o conteúdo eram uns patins não haveria mais que o 1.^o aviso! Qual não foi o entusiasmo, mais vivo nos mais novos, quando descobriram a «pólvora»: Patins! Até que enfim alguém não conseguiu dormir sem nos mandar tal coisa...

Não somos um só e para que o Lar do Porto tenha coragem e vontade de derrotar os compatriotas de Paço de Sousa é útil equiparmo-nos cada um com o seu exemplar. Ora vêdes? O fogo está ateado, é preciso mais lenha!

Foi há cerca de 15 ou 20 dias que um Sr., talvez empregado do benfeitor, trouxe até nós quatro embrulhos contendo roupas usadas, uma pasta escolar, uma almofada, revistas turísticas e mais um objecto a que chamarei brinquedo. Tudo foi aproveitado e distribuído pela Conferência só a almofada é que não pôde ainda ir para o Calvário, mas irá. Também vinham lá quatro pares de sapatos que foram para a Conferência.

Da Conferência — Embora com falta de confrades, pois alguns colegas por não haver tempo não podem aderir à nossa Conferência, o nosso trabalho mantém-se contínuo e se há imperfeição é só no melhor ou pior coração de cada um de nós.

A Senhora Palmira que tem um bando de filhos e, por via destes, já vai há tempos que a forçaram a sair da casa imunda que habitava. Mudando para melhor, mas para mais longe trouxe-nos trabalhos em que deparamos a dificuldade de a podermos ver tantas vezes, quando ela é a pobre que mais precisa da nossa presença com o espírito vicentino de que somos portadores.

A Senhora Palmira encontrava-se muito doente e durante esse tempo dávamos-lhe 20\$00 por semana para despesas com o transporte ao hospital. Como não acusou visita de melhoras internou-se e a presença do respectivo confrade está determinada.

Também o Senhor Gouveia que é todo dorido e vive em mil conseqüências com a enfermidade de sua mulher, recebeu um contentamento indescrevível — o filho que veio da tropa.

A Senhora Justina cuja família são quatro pessoas todas doentes, tem recebido 60\$00 para o aluguer e um cartão que dá direito a mercearia no valor de 10\$00 o qual lhe é entregue semanalmente. Tem-se visto em

sofrimento com a sua mãe que, tão doente como se encontra, aumenta a tristeza do pequenissimo lar e a espera em choro pela dor corporal, que Deus lhe chegue a mão e a leve.

O espaço, porque «O Gaiato» é pequeno, não dá para descrever algo sobre as dezenas de almas que por vosso intermédio ajudamos a viver e a reír e assim dou aqui referência às dádivas que estamos recebendo:

No mês de Junho os queridos subscritores mandaram um total de 200\$90; vieram 150\$00 de diversos anónimos e recebemos 20\$00 da ass. 14305; 60\$00 de três assinantes; 100\$ da Sapataria Nair; 100\$00 do Senhor Francisco de Vasconcelos e muito carinho nas respectivas cartas.

No mês de Julho recebemos 122\$50 de subscritores; anónimos 375\$00; do nosso tão atencioso e sempre querido Alberto Resende 250\$00; Sapataria Nair, 100\$00; assinante 14305, 20\$00; assinante 4610 160\$00; da Senhora D. M. I. Ferreira de Almeida, 20\$; o Senhor Mota Alves enviou 50\$00 e uma carta com uma preocupação que demonstra o carinho que lhe merecemos; da Rua Ferreira Borges, 135, de Coimbra, alguém que sabe quanto é sofrer manda 1.000\$00 que com mais 550\$00 que amealhámos se destinaram ao pagamento de duas facturas atrasadas de mercearia onde os nossos Pohres vão buscar os seus alimentos.

Nem sabeis quanto enchestes de alegria e esperança esta Conferência que se renova. Estamos-vos cheios de gratidão pelo atendimento que prestastes ao meu último apelo e o que vos peço hoje é que continueis com o vosso esforço o qual ainda que pequeno nunca é inglório pois que quem luta pelo bem comum é sempre glorificado na terra e no céu.

ORLANDO

TOJAL

Uma vez mais, a Campanha do selo a abrir a nossa crónica. Grande número de encomendas chegaram até nós. Umhas entregues no Lar, no Montepio, ou aos vendedores, outras enviadas directamente pelo correio, enfim, todas chegaram, e portanto mais um estímulo para prosseguir. Eis a lista desta quinzena: Maria Durães, do Minho, muitos selos em bom estado; Joana Maria e Maria Luisa entregaram as suas encomendas no Lar; muitos do Porto e arredores como Baltar, Foz do Douro, e muitos mais entregues em Paço de Sousa; de uma Religiosa de França, acompanhados com palavras de apreço e simpatia; Lourenço Marques representa-se pelo assinante 23274; e como de costume, um grande amigo nosso das Caldas, que respondeu presente desde a primeira hora; novamente, selos do Sr. Luis Pereira.

Hoje não há quadro de honra, mas se houvesse um vencedor, seria a cidade do Porto.

Terminou hoje a debulha do trigo, e como quase todos os trabalhos agrícolas deste ano, ela foi executada por nós. Comandados pelo Rogério, agora chefe das actividades agrícolas, lá foram colaborando todos os que puderam, e o trabalho está feito. Foi a primeira vez que se efectuou a debulha em nossa Casa, mas com mais razão poderemos um dia dizer: «como o pão que foi ganho com o suor do meu rosto». E a propósito de trabalho, a nossa Tipografia espera a tua colaboração. Sempre

que tiveres qualquer trabalho, lembra-te um pouco de nós, e na medida que ajudares o rapaz a ocupar-se com as máquinas e com trabalho, assim contribuirás para a sua valorização profissional.

Falemos hoje de estudo, de escolas, de estudantes. É certo que estamos em férias, mas ainda não tínhamos falado este ano no assunto. Foi um ano normal, tanto no ensino primário como no secundário. Oito fizeram o exame da 4.^a classe, quatro dos quais fizeram também exame de admissão e passaram. No ensino secundário, o Márinho passou para o 4.^o Comercial, os estudantes nocturnos, Amarel e Mário, passaram para o 2.^o dos Liceus, enquanto o Quarenta se deixou ficar pelo 2.^o ano. O Luis fará em Setembro.

Como se vê, foi um ano muito normal, mas aquele que virá, há-de com certeza ser muito melhor. Para já, muitas esperanças nos quatro novos estudantes: Moreno, Luis Augusto, Jacinto e Papagaio. O novo ano lectivo está à porta, mas antes que ele chegue, fiquemos por aqui até novas notícias.

Luis Gonzaga

Lar de Coimbra

Dia 13 de Agosto. Dia de festa em nossa Casa. Data em que o Senhor Padre Horácio foi ordenado sacerdote para mais espiritualmente poder estar junto de nós e compreender os nossos problemas. Catorze anos já lá vão. No dia 15, todos reunidos em Miranda, rezámos o terço na capela na qual o Senhor Padre Horácio publicamente teve uma conversa com o Senhor dizendo-lhe que em todos estes anos O procurou servir da

melhor maneira. Que nem todos os frutos foram bons, embora quase a totalidade satisfaça mas a própria árvore por melhor que seja por vezes dá um ou outro fruto mais fraco. Pedi-lho também que se fizesse compreender perante nós e o ajudasse a fazer melhor. Nós unidos a ele concretizámos o seu pedido.

Vida escolar — Os resultados deste ano não satisfizeram. Houve «chumbos» e também notas boas. Os mais velhos todos passaram.

Do Colégio só o Rocha falhou. Da Escola Comercial os mais novos atrainham-se em algumas disciplinas. É de esperar que o «chumbo» deste ano os desperte para o seguinte.

O Crisanto chegou de S. Tomé. Cheio de vontade prepara-se para a admissão ao magistério. Ao mesmo tempo acabará o 7.^o ano. Que as suas notas se distingam como sempre na sua vida estudantil.

JOAQUIM

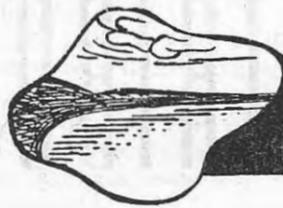
Calvário

Na terça-feira passada, É verdade que o Senhor Que linda cena!... O
Ou seja a 4 de Agosto, [Padre canário,
Por causa dum passari- Não estava na ocasião, Ao ver a infelicidade,
[nho Mas estavam as senhoras Mete-lhe o comer no
Tive pena, até desgosto. E o Senhor Abraão [bico.
Que exemplo de Cari-
[dade!

Veio o Alfredo, Em toda a noite pensei
O porteiro desta casa, Naquela pobre avezinha:
Veio trazer um pardal, Como governará vida,
Paralítico dum asa. Apenas com uma asi-
[nha?

Vinham o pai e a mãe Quando no dia seguinte
A fazer seu comentário, O pardal veio outra vez,
A pedir para o seu filho A Senhora Margarida
Ficar aqui no Calvário. Essa vontade me fez.

A Dulce mui pronta- Quando chega ao pavi-
[mente, [lhão
Paralítica também, O pardal em padiola,
Despachou aqueles pais Junte-o logo ao canário
sem consultar a nin- Dentro da mesma gaiola.
[guém. VIRGINIA



SETUBAL

A Esperança é o grande alimento da juventude. Fundamenta-lhe o Ideal e conquista-lhe o futuro. Na construção das oficinas eu tenho sentido bem neles a influência da Esperança. Oficinas de tipografia, serralharia e carpintaria são já uma boa base de formação profissional para quem dirige uma Casa com centena e meia de rapazes. Só quem vive as exigências (aliás justas) da escolha profissional feita por cada um deles e a experiência confirmada do critério rendoso desta escolha, poderá compreender a sofreguidão com que eu desejo pôr a funcionar oficinas. A compreensão dos rapazes tem sido animadora e a esperança que lhes sorri ajudou-os a vencer o desânimo natural que causa o lançamento das fundações em qualquer construção. Daqui em diante será mais fácil entusiasmar-los. As paredes começarão a levantar-se, cada uma das três oficinas começará a delinir-se e eles vão sonhando com uma máquina aqui, um torno acolá; os fatos macacos, os mestres, a obra das suas mãos, um futuro assegurado, são alegria de viver.

No ambiente geral de todos os rapazes é vitória uma paz de espírito, uma facilidade de comando, uma alegria de obedecer e o gosto do trabalho. Frutos formidáveis da Esperança!

Eu tenho dito que confio. Eles confiam muito mais. Eu por vezes sofro de uma amargura inexplicável cujas causas ignoro na sua complexidade mas que me parece nascer da falta de Esperança.

Tenho andado pelas praias do Sul e prégado o fulgor duma Casa do Gaiato devidamente apetrechada, sobre quadros autênticos da mais degradante miséria a que tantas crianças nossas estão condenadas. Procuo falar com todo o entusiasmo dos casos que consigo remediar e dos sem número deles, que mais me afligem ainda, por não poder solucioná-los. Por aquilo que me dão avalio que não sou compreendido. É urgente construir! É urgente comprar máquinas! É urgente pôr a funcionar.

Eles confiam. Andam alegres! Sorri-lhes a esperança. Eu confio no Senhor! Por isso vou sentindo que poucos homens vivem do Senhor e para o Senhor! Terá aqui raiz a minha amargura?... Também não só aqui. Eu sonho com os rapazes nas oficinas e sinto o peso do encargo material que elas vão ser! Sofro sem querer mas luto pela conquista da Esperança.

Vem daí! És capaz de arrancar ao que necessitas aquilo que outros não tiram ao supérfluo?

PADRE ACÍLIO

